

A Hokmah bem humorada

*Mercedes Lopes**

RESUMO

Este artigo traz um estudo sobre o símbolo da sabedoria (*hokmah*) apresentada na figura de uma mulher em Provérbios 1-9. Um estudo comparativo desse símbolo dentro da mesma unidade e com outros textos bíblicos leva a perceber suas raízes no fortalecimento da casa, da família e da mulher, no período pós-exílico. O estudo da história das religiões, e descobertas importantes realizadas pela pesquisa arqueológica permitem perceber a memória do culto às deusas do antigo Israel, por trás da elaboração desse símbolo.

Palavras-chave: Hokmah, artífice, criação, prazer, relações e culturas.

The humorless Hokmah

ABSTRACT

This article deals with the symbol of Wisdom (*Hokmah*), in the book of Proverbs 1-9, represented as a woman. A comparison between the meaning of this symbol in this text of Proverbs and in other biblical texts shows that the roots of *Hokmah* are related to the strengthening of house, family and female sphere in the post exile period. The study of the history of religions and important archaeological discoveries make it possible to see relations with a cult of Goddesses in ancient Israel.

Keywords: *Hokmah*, craftswoman, creation, pleasure, relations and cultures.

* A autora fez teologia sistemática no IBTD e UCB de Cochabamba, Bolívia. É diplomada em espiritualidade pela Pontifícia Universidade Comillas de Madri, Espanha e licenciada em Teologia e Bíblia pela Universidade Bíblica Latino Americana, de San José – Costa Rica; é mestra e doutoranda em ciências da religião pela Universidade Metodista de São Paulo, Umesp. E-mail: Mercedes-lopes@ig.com.br

La Hokmah bien humorada

RESUMEN

Esse artigo trae un estudio sobre el símbolo de la sabiduría (*hokmah*) que en Proverbios 1-9 es presentada en la figura de una mujer. Una comparación de esse símbolo adentro de la misma unidad literaria (Pr 1-9) y con otros textos bíblicos lleva a encontrar sus raíces en el fortalecimiento de la casa, de la familia y de la mujer en el periodo post-exílico. La relación con la historia de las religiones y con los descubrimientos importantes hechos por la investigación arqueológica permite percibir la memoria del culto a las Diosas del Antiguo Israel por detrás de la elaboración de esse símbolo.

Palabras-claves: Hokmah, artífice, creación, placer, relaciones y culturas.

Introdução

Os poemas sobre a sabedoria personificada em Provérbios 8 formam um conjunto simbólico surpreendente que pode nos ajudar a descobrir a situação social e cultural das mulheres no período pós-exílico. Nesse artigo, parto de uma apresentação do texto, limitando-me a olhar de perto os diferentes rostos da sabedoria personificada na figura de uma mulher. Ao trabalhar esse símbolo, passo a denominá-lo com o termo Hokmah, que significa sabedoria em hebraico. Essa é uma estratégia para tentar criar uma distância entre o que já conhecemos sobre a sabedoria de Israel e a novidade que aparece nesses textos¹.

Uma comparação entre as várias formas de personificação da Hokmah, na primeira seção do livro dos Provérbios e também com outros textos bíblicos, ajuda-nos a perceber seus diferentes rostos. O mais surpreendente é aquele em que ela

1. No entanto, quando estiver citando uma autora ou autor, mantereí o termo sabedoria do modo como for citado e traduzido.

está ao lado de Yahweh em prazerosa e bem-humorada relação com ele, com o universo e com a humanidade. Um debate entre estudiosos e estudiosas sobre esse tema amplia nossa visão e mostra a importância desse texto. Mas o texto bíblico apresentado no item 1 e discutido no item 2 levanta uma séria pergunta que tento responder no item 3: será que houve mesmo alguma deusa em Israel? Finalmente, no item 4, apresento o resumo de um estudo sobre a época e a situação das mulheres que deram origem a esse texto.

A *Hokmah* criadora e bem humorada

Em alguns textos bíblicos do pós-exílio, encontramos o símbolo da sabedoria personificada na figura de uma mulher. A mais surpreendente elaboração desse símbolo encontra-se na primeira seção do livro dos Provérbios (Pr² 1-9). No primeiro poema em que a *Hokmah* se apresenta (Pr 1.22, 23), ao falar em primeira pessoa e em lugares públicos, como ruas, praças, encruzilhadas e até nas portas da cidade, ela usa um vocabulário profético bastante próximo ao de Isaías 65,2.12; 66,4; Jeremias 7.13; Zacarias 1.4; 7.11. Nos textos que acabo de citar, os profetas fazem uma crítica ao povo por não haver escutado seus ensinamentos e nem respondido aos seus apelos. Já em Pr 1.22-23 a *Hokmah* faz a mesma crítica, mas ela supera os próprios profetas. Enquanto eles recebem o Espírito de Yahweh para profetizar (Isaías 61.1; 11.2; 42.1; Joel 2.27-3.3), a *Hokmah* tem o Espírito e promete derramá-lo sobre quem se converter, escutando e acolhendo sua exortação: “eis que vos derramarei o meu espírito e vos comunicarei minhas palavras” (Pr 1.23). Essa expressão demonstra que, nesse texto de Pr 1.22-23, a *Hokmah* é apresentada como uma figura feminina para falar de Yahweh.

Um outro rosto muito interessante da *Hokmah* encontra-se em Pr 3.18, em que ela é comparada

a uma “árvore de vida”. Esta comparação não somente lembra Asherá, uma deusa Cananéia que tinha a árvore como seu símbolo principal, mas resgata duas tradições paralelas: a da árvore da vida e a da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gênesis 2.9 e 3.22). Nesse texto de Pr 3.18, as duas tradições aparecem juntas, relacionando a *Hokmah* com um símbolo importante do imaginário religioso do povo da Bíblia, presente tanto em Gênesis (2.9; 3.22), quanto em apocalipse (2.7; 22.14).

No capítulo 8 do livro de Provérbios, encontramos o auge da elaboração desse símbolo da *Hokmah* personificada na figura de uma mulher. Todo o capítulo 8 se apresenta como um bloco bem-elaborado, que pode ser dividido em quatro poemas. O primeiro poema (1-11) mostra a importância de atender ao convite da *Hokmah*. A repetição do termo *hokmah* nos versículos 1 e 11 define os limites desse poema, que se inicia com uma narração em terceira pessoa (v.1-3). O versículo 4 introduz a fala da *Hokmah* com uma exortação, ampliando os destinatários do seu discurso. Pois, não é apenas a um povo ou a um grupo humano ao qual ela se dirige, mas a toda a humanidade representada nesse texto pela expressão: “e minha voz aos filhos de Adão” (v.4).

No segundo poema (8.12-21), a *Hokmah* faz um auto-elogio, mostrando sua importância para a organização da vida humana. O terceiro poema (8.22-31) traz uma auto-revelação da sabedoria como parceira de Yahweh na obra da criação. Esse é o poema mais belo de todo o livro e, ao mesmo tempo, o mais discutido, como veremos mais adiante. Na última parte (8.32-36), a *Hokmah* mostra as conseqüências da aceitação do seu convite, com duas bem-aventuranças: “felizes os que meu caminho guardam” (v.32b) e “feliz o humano que me escuta” (v.34). É interessante observar o motivo dessa felicidade: “pois, quem me encontra, encontra a vida e goza do favor de Yahweh” (v.35).

O uso do gênero instrução, na primeira parte (8.4-11) e na última (8.32-36), e a repetição de

2. Passo a utilizar Pr toda vez que estiver citando o livro Provérbios.

alguns termos que são comuns a essas duas partes, mostram que estamos diante de uma inclusão³.

Em Pr 9.1-6, encontramos a *Hokmah* construindo uma casa com sete colunas e preparando um delicioso banquete. Depois de preparar o banquete (9.2), a *Hokmah* envia suas criadas aos pontos altos da cidade (9.3) para convidar os “ignorantes” a comerem do seu pão e beber do seu vinho (9.4-5). Segundo Luis Alonso Schökel (1968, 55), os dados desse texto podem ser lidos como simples banquete, porém não é difícil escutar neles referências cúlticas. Pão e vinho podem fazer referência a um culto do qual a comida conjunta faz parte (9.6).

Como já mencionei anteriormente, o texto mais surpreendente e questionador em toda essa seção que vai de Pr 1 ao 9, é o poema da criação (Pr 8.22-31), que apresenta a *Hokmah* pré-existente a toda criação, em prazerosa relação com Yahweh e com a humanidade, dançando no universo.

“E era junto dele artífice⁴,
sendo suas delícias dia-a-dia,
dançava diante dele todo o tempo,
dançava no universo, sua terra,
e me deliciava com a humanidade.”
(Provérbios 8.30-31)

Como artista, arquiteta ou mestra de obras, a *Hokmah* está ao lado de Yahweh em deliciosa relação. É prazerosa a criação artesã do universo, realizada em parceria. Esse é o ponto alto do poema (Pr 8.22-31), introduzido pelo verbo criar *qnh*. Todo esse poema celebra a força criadora de vida. Desde o primeiro verso, já estamos no âmbito mitológico da criação, carregado de emoção pela sua beleza e força. Em um ritmo sereno

e harmonioso, o poema nos conduz por meio da terra e dos abismos, até os mananciais de água. Eleva-nos pelas montanhas e colinas até os céus, para contemplar do firmamento a abóbada que se traçava sobre a face do abismo. Toma-nos pela mão e nos leva às origens do universo para mostrar ali a presença da Deusa, com Yahweh, como a grande artista, *'amon* = “artífice” do cosmo (v.30-31). O imenso prazer de criar transparece em todo o texto (Pr 8.22-31). A *Hokmah* criadora termina sua ação de artífice do mundo “dançando diante de Yahweh, dançando no universo, sua obra e deliciando-se com a humanidade” (Pr 8.30-31). Diante do trabalho como castigo pela transgressão, “com o suor do teu rosto comerás teu pão” (Gn 3.19), apresenta-se a atividade divina da criação, que é, em vez disso, jogo e prazer, marcado pela liberdade criativa, pela beleza e pela dança final. Jogo e dança diante de Deus e diante do universo são ritos ou formas litúrgicas.

Mas as surpresas do livro dos Provérbios não terminam na primeira seção. Também chama a atenção o último capítulo (Pr 31.1-31), no qual aparecem claramente as figuras da mulher sábia (Pr 31.1-9) e da mulher forte (Pr 31.10-31). A primeira seção do livro de Provérbios e a última (1-9 e 31,1-31) devem ser da mesma época e foram colocadas pelos editores (editoras) como uma moldura para todo o livro. Segundo Schroer (1991, 163) é evidente que a *Hokmah* personificada, de Pr 1-9, e a mulher valente, de Pr 31, são parentes uma da outra, no sentido de que uma mulher é a sabedoria, e a outra é a mulher sábia. Ambas têm funções que constroem e mantêm a casa; ambas têm, à sua maneira, influência no espaço público. Dessa maneira, há uma contraposição entre alguns provérbios androcêntricos e misóginos que se encontram no interior do livro dos Provérbios (19.13; 21.9.19; 25.24) e sua redação final, que dá uma surpreendente moldura ao livro.

Uma análise literária desses textos tem sido objeto da minha pesquisa nos últimos anos. Meu primeiro trabalho sobre esse texto foi uma pesquisa

3. A inclusão é uma estrutura literária própria da literatura bíblica na qual uma frase ou palavra é repetida no começo e no fim de uma unidade literária, delimitando tudo o que ficou incluído nela.

4. Esse texto é muito discutido. Alguns estudiosos buscam corrigir o termo *'amon*, do texto hebraico, que tem o sentido de “artífice” ou “artista” (conferir Jr 52.15; Ct 7.2), por *'emun* “criança querida”. Mas o sentido de artífice é confirmado pela Septuaginta e também pelo livro da Sabedoria 7.21; 8.3-4; 9.4 (31 a.C.).

com o título “Jesus y la tradición de la Sophia”, que publiquei com o título “A confissão de Marta” (LOPES, 1996). Nos últimos anos, tenho lido muitos autores e autoras sobre esse tema, buscando identificar as raízes e as diferentes interpretações desse símbolo. Na minha pesquisa para o mestrado, fiz uma exaustiva exegese sobre o capítulo 8 do livro de Provérbios e busquei estabelecer um debate entre estudiosos e estudiosas sobre o significado do símbolo da sabedoria personificada no texto “A sabedoria e Yahwh – um estudo em Provérbios 8” (LOPES, 2004).

Um debate sobre esse símbolo

Frente a esse símbolo da *Hokmah* personificada, Nicacci (1997, 12) se interroga: “mas quem é a senhora sabedoria?” Sua resposta inicial é muito breve e generalizada:

é uma figura que supera qualquer outra criatura. Estava ao lado de Deus no momento em que ele criava o universo, encontrando suas delícias diante dele...é uma figura de algum modo divina e humana.

Tentando explicar sua opinião um tanto evasiva, Nicacci (1997: 1997, 249) argumenta que o gênero literário dos discursos da sabedoria personificada é próprio da auto-revelação de uma divindade e que é um gênero literário antigo, já presente na literatura egípcia. Em seguida, esse autor faz um comentário específico sobre Pr 8:

a sabedoria convida para ouvir, como fazem os mestres, mas há uma diferença significativa. Ela fala em lugares públicos, nas encruzilhadas dos caminhos, junto às portas, onde o pessoal vai e vem, onde se realizam os negócios e se administra a justiça. Ela fala a todos, indiscriminadamente, e não a um grupo de discípulos.

E acrescenta: “o melhor paralelo parece ser Maat, concepção egípcia da verdade e justiça” (NICACCI, 1997, 253). Também Rad (1973, 200) e Schroer (2000, 74) são desta mesma opinião. Eles encontram na *Hokmah* personificada

de Provérbios 8 uma reminiscência de *Maat*, a deusa egípcia da verdade e do amor. Para Gerhard Von Rad, Provérbios 1-9 é uma coleção de poemas didático-teológicos que parece seguir a antiga tradição de Israel, mas que, na medida em que se avança na leitura, de repente surge algo totalmente inesperado. Esse algo inesperado seria a separação da sabedoria imanente, presente na criação como uma ordem harmoniosa e sábia, das obras da criação propriamente ditas. Seria como uma separação ontológica dos fenômenos dentro da criação, modificando-se, também, a relação do ser humano com esses fenômenos. Em nota ao pé da página 200, Gerhard Von Rad afirma estar claro que, no poema de Provérbios 8.22-29, há formas estilísticas próprias de determinadas proclamações de deuses egípcios e que nos versos, 30, 31, está presente a concepção egípcia de uma divindade que ama com todas as entranhas a verdade personificada, cujo nome é *Maat* (RAD, 1973, 200),

Porém, tudo isso, separado radicalmente de seu sentido original, constitui um fenômeno hermenêutico que ainda não foi suficientemente considerado em todos os seus aspectos: o fato de que não só se tenham tomado idéias ou figuras egípcias, mas, às vezes, séries inteiras de provérbios puderam ser mantidas em seu primeiro teor literário, comenta Gerhard von Rad (RAD, 1973, 225).

Luis Alonso Schökel (1984, 77) recolhe a opinião de vários autores sobre esse símbolo da sabedoria personificada e cita aqueles que a apresentam como uma hipóstase, ao menos em algumas passagens importantes. A seguir, Alonso Schökel comenta: “quase todos os autores modernos rejeitam a tese da hipóstase da sabedoria, admitindo a sabedoria personificada e entendendo-se como tal, personificação literária ou poética”. A postura de Alonso Schökel sobre o símbolo da sabedoria personificada é interessante e chama-me a atenção:

pode-se dizer que o recurso da personificação da sabedoria é a melhor saída que o judaísmo encontrou para

defender sua ortodoxia. A fé monoteísta em Yahweh adaptou-se ao máximo às concepções pagãs, porém sem renunciar ao seu monoteísmo.

No entanto, Armstrong (1995, 77) parece seguir a idéia de hipóstase. Segundo esta autora, a sabedoria personificada representa o plano de Deus ao criar o mundo. Ela afirma:

o autor do livro dos Provérbios, que escreveu no século III a.C., foi um pouco mais longe e sugeriu que a sabedoria era o plano mestre que Deus idealizara ao criar o mundo e, como tal, a primeira de suas criaturas.

Para Perdue (1997, 91),

a mulher sabedoria em Provérbios 1-9 é a força divina e criativa que origina e continua a permear o cosmos; é a justiça social que forma e proporciona um caráter justo para as instituições humanas; é a fascinante amante do sábio que procura encontrar bem-estar e jovialidade no seu encanto e no seu abraço vital...Mas, antes de tudo, Mulher sabedoria, através dos ensinamentos da sabedoria cuja voz ela encarna, é a voz de Deus, cujos convites para vir e aprender dela e de suas instruções que revelam um conhecimento e uma perspicácia divina, indicam ao simples um caminho para a plenitude da vida.

Lang (1977, 400) tem apresentado dois tipos de interpretação desse símbolo da sabedoria personificada: uma psicológica e outra mitológica. Ao discorrer sobre a interpretação psicológica, Bernhard Lang discorda da postura psicanalítica de Jung que afirma que os antigos israelitas não eliminaram a figura da Anima do seu meio. Ao contrário, fizeram dela uma deusa pessoal. Para Jung, a visão poética da sabedoria seria um resgate desse antigo mito e, ao mesmo tempo, uma projeção de arquétipos inconscientes. Frente a essa afirmação, Bernhar Lang reage, afirmando que a visão poética da sabedoria é mera figura de linguagem, que continua atraindo até os dias atuais.

Miles (1997, 332) afirma que

metaforicamente, a senhora sabedoria é 'parceira de Deus' ou 'esposa de Deus', representando a humanidade

cooperando com Deus e como mãe da humanidade. Nessa metáfora da humanidade cuidando de si mesma como esposa e mãe, a sabedoria nos lembra Ashera⁵. Para explicitar essa relação que faz entre a sabedoria e Ashera, Miles (1997, 335) chama a atenção para a comparação da sabedoria com a 'árvore', em Pr 3,18. É interessante esta comparação, pois a árvore era um dos símbolos de Ashera. A perplexidade causada pela memória de uma divindade feminina no texto de Pr 8,22-31, tem produzido mal-estar em muitos estudiosos. Talvez esse seja um dos motivos que leva alguns estudiosos a fazer correções ao texto massorético⁵.

Em seu estudo sobre o capítulo 7 do livro da Sabedoria, Pereira (1999, 115) chama a atenção para as cinco metáforas da sabedoria que aparecem nos versículos 25-26, pertencentes a vários campos simbólicos: "a exalação (v.25a), hálito, vapor, tem a ver com o sopro, o ar, como no texto de Sir 24,3: "saí da boca do altíssimo e, como névoa, recobri a terra." A emanação ou efusão (v.25b), leva-nos ao campo simbólico da água, dando à 'glória' uma consistência que se derrama benevolmente e que, por ser 'pura', nada de imundo se lhe apega. Já a 'irradiação' (v.26a) e, depois, o 'espelho' (v.26b) se mantêm no campo da luz e da visão, como também da imagem (v.26). Notar o enlace de cada metáfora com uma qualidade divina: poder, glória, luz, energia, bondade". Ao comentar o texto de Pr 9.1-6, esse autor não faz a relação com o texto citado acima. Simplesmente constata:

no pós-exílio, onde ouvimos a sabedoria como profetisa em praça pública (Pr 1.20-23 e 8.1-36) recebemos seu convite para o banquete que ela mesma preparou, como generosa anfitriã (PEREIRA, 1999, 37).

No entanto, outros autores fazem essa relação entre o símbolo da sabedoria personificada em Provérbios com o mesmo símbolo no livro da Sabedoria. Entre esses, encontramos Tamayo-Acosta (2004, 85), para quem "a sophia é personificada em uma mulher que goza de sabe-

5. No artigo "Dançando no universo", que escrevi para RIBLA nº 50, coloquei em pé de página algumas informações específicas sobre esse tema.

doria; é apresentada como mestra da justiça e aparece junto a Deus no momento da criação”.

Pereira (1999, 38) continua com sua análise do símbolo da sabedoria personificada no Livro da Sabedoria e busca identificar sua natureza divina, mostrando que, no capítulo 8 desse livro, é visível o erotismo dos versículos 2.9,16 e 21, não só na relação do ser humano com ela, mas, também, na relação dela com o próprio Deus, que a ama e com quem ela “convive” esponsalmente (8.3). É essa esponsal convivência com Deus que a torna onisciente e mediadora de todos os bens, sentada como está no trono divino (em grego *Páredros*, conferir Sb 9.4), conceito que evoca os divinos casais das religiões politeístas. O indubitável monoteísmo do autor permite-lhe, porém, essa ousadia na linguagem, que evidentemente reflete seu ambiente cultural. No capítulo 10, é notável como a sabedoria toma o lugar tradicional do nome de Deus, como sujeito dos fatos salvíficos da história do seu povo: a sabedoria é o Deus de Israel em figura feminina”.

Uma autora que vem pesquisando, há décadas, sobre o símbolo da sabedoria personificada é Schroer (1994, 20). Ela afirma que “a tradição da sophia sempre foi um símbolo da crítica ao poder, voltada contra a arbitrariedade e a tirania”. Segundo a autora a palavra chave “sabedoria de mulher” liga a moldura pós-exílica do escrito de Pr 1-9 e 31 com o corpo mais antigo das sentenças (Pr 10-30). “A mulher forte de Pr 31.10-31 possui uma casa e gerencia toda uma empresa. Mulheres que constroem casas, ensinam e aconselham, e também as imagens das deusas do Antigo Oriente confluem na imagem complexa da *hokmah*, da sabedoria personificada, que pode ser traçada aqui pela primeira vez” (SCHROER, 1994, 27).

Quero encerrar esse debate entre alguns autores e autoras, sobre o significado do símbolo da *Hokmah* personificada, com uma pesquisa recente de Klopfenstein (1994, 531-541) a respeito da personificação da sabedoria. Seu artigo tem o sugestivo título: “A ressurreição da

Deusa na sabedoria tardia de Israel, em Provérbios 1-9?”.

Depois de fazer um levantamento sobre aspectos internos e externos a Israel, que poderiam ter contribuído para a elaboração dessa imagem ou do símbolo da sabedoria personificada, esse autor conclui:

1. No símbolo da personificação da sabedoria, encontramos a expressão do fortalecimento da posição social e religiosa da casa, da família e da mulher, no início do pós-exílio.

2. No símbolo condensa-se a busca de uma contra corrente carregada de círculos sapienciais que são subterrâneos à religião e à cultura do pós-exílio, que marginalizava e excluía o feminino.

3. No símbolo juntam-se expressões imaginárias das mais diversas situações e funções das mulheres na história de Israel.

4. No símbolo concentram-se, de uma forma mais inconsciente do que consciente, representações de deusas cuja influência é difícil reconhecer individualmente.⁶

5. A compreensão mais importante é esta: esse símbolo foi capaz de estourar, de alguma maneira, a imagem de Deus na religião javista durante o exílio e no pós-exílio, marcada por uma compreensão patriarcal muito estreita. Esse símbolo amplia dimensões femininas, abrindo a possibilidade de uma participação mais aberta na fé javista, incluindo, principalmente as mulheres (KLOPFENSTEIN, 1994, 531).

As opiniões dos estudiosos e estudiosas sobre a identidade da *Hokmah* e da *Sophia* personificadas são diferentes e até contraditórias. Uns autores consideram esse símbolo como simples figura ou gênero literário já presente na literatura egípcia e próprio para a auto-revelação dos deuses. Há autores que descartam a possibilidade de uma hipóstase e há quem parece estar indicando

6. Klopfenstein (1994, 540) afirma em seu artigo: “A ressurreição da Deusa na sabedoria tardia de Israel, em Provérbios 1-9?”, que no símbolo da sabedoria personificada há, inconscientemente, a memória de várias Deusas como *Ashera*, *Ma'at* e *Isis*”.

que a aceita. Alguns estudiosos e estudiosas ligam a sabedoria personificada à mulher forte e guerreira, que gerencia sua casa, enquanto outros autores vêem esse símbolo como uma definição prática das relações entre homens e mulheres, no período pós-exílico.

Depois de ouvir todas essas diferentes vozes, podemos concluir que na origem da imagem ou símbolo da sabedoria personificada em Provérbios 1.20-23; 8-9, pode estar uma tradição oral antiga, relacionada ao culto das deusas. Essa tradição antiga estaria presente, de maneira especial, na representação literária da sabedoria ao lado de Yahweh (Pr 8.30-31). Mas, no momento em que se editou o livro de Provérbios, essa tradição oral foi confrontada com a situação histórica e religiosa de Israel, por meio de um cuidadoso trabalho literário, que, ainda hoje, possibilita manter escondida a identidade da *Hokmah* personificada.

Mas, será que o povo bíblico teve deusa?

Com a finalidade de poder visualizar com mais clareza esse símbolo, trato de fazer um pequeno levantamento sobre a influência de Canaã na religião de Israel. Tal influência religiosa e cultural teve também suas raízes. São as pesquisas arqueológicas realizadas na primeira metade do século XX que ampliam nossos conhecimentos nessa área.

Segundo Lete (1981, 13) os textos de Ugarit, descobertos pelas escavações arqueológicas que se iniciaram a partir de 1929, mostraram a grande influência dessa cultura e religião na sociedade palestinese do segundo milênio a.C. (OLMO LETE, 2000, 115). Na religião de Ugarit, os deuses principais são Ilu, o Deus supremo, e Atiratu, a mãe de todos os deuses, a Grande, Atiratu do Mar (CROATTO, 2001b: 33).

A presença de El⁷ em Israel é mais antiga do que a de Yahweh. Isso pode ser comprovado pelos nomes das pessoas que formam a história

7. O nome hebraico El é correspondente a Ilu, no ugarítico. A letra u é indicação do nominativo.

antiga de Israel. Como exemplo, apresentamos o novo nome de Jacó, que passa a ser Isra-El, depois da sua experiência de ser protegido por El (Gn 35,10; 32,29). Outros nomes antigos também atestam essa presença de El na história antiga do povo bíblico: Rag-El, Fanu-El, Batu-El, Salami-El, Natana-El.

A descoberta do material de Ugarit ajudou a entender a presença de Ashera na Bíblia hebraica, já que o nome Atiratu (*'atrt* em ugarítico) é equivalente ao hebraico *Ashera*. Muitos estudiosos acreditam que o termo hebraico *'ashera* pode indicar tanto a deusa quanto sua imagem ou símbolo, que seria um poste de madeira⁸. A idéia de que um objeto de culto possa ter o mesmo nome da divindade que o representa não é um conceito estranho para o povo do antigo oriente Médio, que reconhece a existência de algum tipo de "mágica" conexão entre o símbolo e aquele que é simbolizado (HADLEY: 1994, 239). Mas não são apenas as descobertas de Ugarit que contribuíram para um maior conhecimento da presença da deusa *Ashera* no antigo Israel. A descoberta das inscrições de *Khirbet el-Qon* (1967) e *Kuntillet Agrud* (1976,1978) contribuíram muito nesse esforço de descobrir a função real que teve *Ashera* na antiga religião israelita. Embora o material de *Khirbet el-Qon* esteja bastante deteriorado, pode-se resgatar dessa inscrição a associação de Yahweh com *Ashera* e sua respectiva função como protetora. Nas inscrições de *Kuntillet Agrud* encontra-se, também, a relação entre Yahweh e *Ashera* e também sua função de protetora, acrescentando os nomes dos santuários de Samaria e Temã (CROATTO, 2001, 36-37).

8. A palavra asherah, ocorre 40 vezes na Bíblia hebraica, em nove diferentes livros. Em 18 ocorrências da palavra, ela está na sua forma feminina singular (Dt 16.21; Jz 6.25. 26. 28. 30; 1 Rs 15.13; 16.33; 18.19; 2 Rs 13.6; 17.16). A forma masculina plural *asherim* ocorre em 19 versos, 13 em sua forma original pura e 6 vezes com sufixo. Em alguns manuscritos e versões o plural ocorre em lugares nos quais o TM tem o singular (ex. 2 Rs 21.3).

Concluindo esta parte, resgato alguns textos bíblicos que nos informam sobre a erradicação do culto à *Ashera* nos santuários do reino do norte (Israel), e também do reino do sul, no templo de Jerusalém. Embora esses textos se refiram também a outros Deuses estrangeiros, limito-me às referências sobre *Ashera*, porque seu culto foi associado ao de Yahweh.

Em 1 Rs 15,13 encontramos a informação de que o rei Asa, que reinou em Judá de 911-870, retirou da sua mãe o título de “Grande Dama”, porque ela tinha feito um objeto de culto⁹ para *Ashera*. Segundo o texto citado, o rei Asa quebrou o objeto de culto e o queimou no vale do Cedron, na busca de erradicar o culto aos Deuses estrangeiros do templo de Jerusalém. No entanto, vamos encontrar novamente o culto a *Ashera* no templo de Jerusalém na época em que Manasses reinou em Judá (687-642), como informa 2 Rs 21, 1-4. E o culto continua, apesar da fúria com que foi erradicado. No tempo do rei Josias (640-600 a. E. C.), que fez uma grande reforma na organização religiosa de Israel, encontramos, de novo, a mesma fúria para erradicar *Ashera* no templo de Jerusalém, “retirando do santuário de Yahweh todos os objetos de culto que tinham sido feitos para Ba'al, para *Ashera* e para todo o exército do céu; queimando-os fora de Jerusalém, nos campos do Cedron, e levando suas cinzas para Betel” (2 Reis 23.4.6.14). Não considerando suficiente, Josias “derrubou a morada dos prostitutos sagrados, que estavam no templo de Yahweh, onde as mulheres teciam véus para *Ashera*” (2 Reis 23,7). Em 2 Reis 23,15b encontramos uma citação que narra a destruição do culto à *Ashera*, no santuário de Betel. O culto à *Ashera* era praticado no reino do norte desde os tempos de Acab, segundo 1 Reis 16.32, 33; 2 Reis 13.6b. Por essas poucas informações, temos conhecimento de que houve, pelos menos, três

séculos de culto à *Ashera* na religião de Israel, durante o período da monarquia. Mesmo sem uma preocupação direta com a interpretação de Pr 8.30, Severino Croatto busca resgatar o culto à *Ashera* ao lado de Yahweh, no antigo Israel (CROATTO, 2001, 44), mostrando a possibilidade da presença desse símbolo no imaginário religioso do povo bíblico.

Mas, para Schroer (2000, 74), não é somente a memória de *Ashera* que está na raiz do símbolo da *Hokmah* mulher. Segundo ela, esse símbolo remonta a *Maat*, deusa egípcia que abrange o divino e a natureza, o reino, a sociedade e as relações humanas. Como deusa, *Maat* faz parte do panteão egípcio, ocupando uma posição especial, já que as outras divindades se orientam para ela como princípio cósmico. *Maat* representa, também, o direito. O conceito oposto a ela é *Isfet*, a condição de ausência do direito, de violência e de opressão. Apesar de haver investigado apenas sobre a presença de *Ashera* na religião de Israel, sabemos que não foi a única deusa cultuada pelo povo bíblico. Também podemos encontrar, na historiografia bíblica algumas reminiscências do culto à *Astarte* (1 Rs 11.5; Jz 2.13) e à Rainha do Céu (Jr 7.18; 44.17-25) entre outras.

O contexto social, cultural e religioso desse texto

Ao buscar identificar a trama religiosa e social que se revela e se oculta por trás do texto de Pr 1-9, especialmente no símbolo da *Hokmah* personificada, concentro a atenção na vida das mulheres do período pós-exílico, sobretudo nas relações de poder subjacentes ao texto e projetadas nas relações com a divindade.

Partindo das experiências da vida diária e refletindo sobre os acontecimentos do cotidiano das mulheres e homens de Israel, foi construída uma tradição carregada de símbolos e mitos que transmitiam ensinamentos para o caminho da vida. Entre esses ensinamentos, apresentados sem dualismos entre a experiência religiosa e a luta diária

9. O termo hebraico *mifleset* tem sido traduzido por “ídolo” ou, ainda, “um abominável ídolo”, embora não se saiba com clareza o que significava esse objeto. Dessa maneira, comprova-se a visão misógina dos tradutores.

pela sobrevivência, estão as dimensões sociais e religiosas da vida do povo, tecidas dentro de um imaginário cultural rico e diversificado.

É nessa perspectiva que situo a redação de Pr 1-9 nas últimas décadas do período persa (cerca de 300 a.C.), no contexto das grandes vitórias alcançadas pelo império grego, no oriente e pela decadência do império persa. Talvez tenha existido, nessa época, um período de maior liberdade, quando a Judéia chegou a ser um estado teocrático, com moeda própria¹⁰. Nascida de uma reação frente ao centralismo e às exclusões, a reflexão sobre a sabedoria foi crescendo até ser elaborada como uma moldura (1-9 e 31,10-31) para a edição do livro de Provérbios. Essa reflexão está relacionada ao processo histórico vivenciado pelas mulheres de Judá, desde a revisão teológica feita durante o exílio da Babilônia. Ela é uma alternativa frente ao projeto centralizador do grupo de sacerdotes sadoquistas em torno do templo de Jerusalém; aos esforços de reconstrução de Neemias (443) e Esdras (398), com suas exigências de pureza ritual em relação ao corpo da mulher, visto como impuro e às tentativas de exclusão da mulher estrangeira, culpabilizada pela situação de empobrecimento e desorientação do povo no pós-exílio.

Schroer (1994, 543) afirma que

para fazer uma exegese feminista é necessário que nos perguntemos sobre a história das mulheres judias, como se situavam naquele momento, o que estavam exigindo e quais as suas buscas concretas de libertação.

Se por um lado Esdras culpabiliza as mulheres estrangeiras da extrema situação de pobreza na qual se encontrava o povo no pós-exílio, insistindo também na realização de um culto estritamente monoteísta, por outro lado há uma reação que se expressa em uma riqueza de vivências e símbolos, criando-se, no pós-exílio, um espaço subterrâneo para a formação de reflexões que

partem da vida e das experiências das mulheres no cotidiano das suas lutas e de suas expressões religiosas. Alguns aspectos dessa nova mentalidade expressam-se, também, no livro de Jonas, que apresenta uma imagem de Deus muito bem humorado e aberto aos povos estrangeiros. O livro do Cântico dos Cânticos, com sua visão deslumbrante e integradora dos corpos e do amor, e a novela do livro de Jó, com seus questionamentos sobre teologia da retribuição, também fazem parte desse movimento contestatório, frente à tendência de fechamento da elite sacerdotal, que estava no poder durante o período persa.

Sem cair na armadilha dos estereótipos entre mulheres ideais e mulheres malditas, como realidades opostas e fixas, Pr 1-9 recolhe e expressa uma problemática vivenciada nas relações sociais e religiosas de mulheres e homens no período pós-exílico. Um dos aspectos dessa nova visão é a presença nos textos do eródico, do lúdico e da beleza dos corpos. Nesse sentido, Pereira (1993, 66) chama a atenção para a força literária e política do Cântico dos Cânticos, com seus

poemas de amor e sedução que afirmam o corpo como fonte de prazer e espaço de criatividade contra a política estreita e opressora dos líderes sacerdotais... A alternativa de Cantares está não somente no conteúdo, mas também na forma, fugindo do esquema legalista-legislativo; o texto reúne poemas de amor, poemas eróticos que não necessitam de explicação ou explicitação de sentido.

Recentemente, Dijk-Hemmes (2002, 180) indicou que o livro de Rute pode ter se originado em uma cultura de mulheres, justificando que

esta hipótese de uma cultura de mulheres tem sido proposta por antropólogos, sociólogos e historiadores da sociedade, a fim de estabelecer um elo entre as experiências culturais primárias como expressas por mulheres.

Baseando-se em Showalter, Fokkelien estabelece alguns critérios para reconhecer a voz feminina que fala em determinados textos, chamando a atenção para a substituição do termo

10. Encontraram-se dracmas com a inscrição YHD, por volta de 350 a .C. (conferir BJ p.2338).

“casa do pai” por “casa da mãe” como uma indicação de que o texto, no caso Ct¹¹ 3.4; 8.2, provém de uma “cultura de mulheres”. É significativo encontrar esta expressão “casa da mãe” em Pr 31.21 que pode indicar um substrato da cultura de mulheres na moldura colocada pelo editor às coleções que formam o livro de Provérbios. Segundo Dijk-Hemmes (2002, 183) uma cultura de mulheres significa uma “cultura feminina subterrânea, na qual as mulheres ‘redefinem’ a realidade baseadas em suas próprias perspectivas”. Uma realidade que transparece em Pr 31.10-31 e que recebe o seguinte comentário de Elisabeth Schüssler Fiorenza (1994, 150) “ainda que o louvor da perfeita “dona” de casa se faça a partir de um ponto de vista masculino, se evidenciam sua iniciativa econômica e sua perspicácia para os negócios”.

Citando Campbell, Dijk-Hemmes (2002, 185) lembra também a “tradição das sábias mulheres contadoras de histórias que vão ganhando forma a partir de uma participação de sua audiência (predominantemente F) ativamente engajada”. Talvez a personificação da *Hokmah* tenha surgido como expressão de uma nova visão da mulher e do homem em suas relações diárias, em sua visão do trabalho e como expressão da sua experiência religiosa, fiel às tradições do povo israelita e, ao mesmo tempo, inteiramente inovadora, abrindo um novo horizonte para a luta das mulheres. Essa nova visão parece ter suas raízes no antigo culto de Yahweh com sua consorte, e ao mesmo tempo carregar toda uma tradição ética que marca a história de Israel, em sua luta pela justiça e pelo direito dos pobres (HADLEY, 1994, 240). Essa nova visão das mulheres confronta-se com a contradição do sistema patriarcal, no dia-a-dia de suas lutas e de suas buscas. É muito difícil conviver com uma realidade marcada pela dominação, quando se tem os olhos e a mente despertos e críticos em relação a essa realidade. Uma amostra da insa-

tisfação das mulheres, nesse sentido, aparece no livro de Provérbios, em que há um ditado muito repetido: “melhor é morar numa região deserta do que com uma mulher queixosa e iracunda” (Pr 21.19; 21.13; 19.13; 25.24). De que se queixaria a mulher? Uma queixa pode conter algo da reivindicação e luta das mulheres e supõe uma consciência do próprio valor e dignidade.

Uma cultura de mulheres, vivenciada e tecida a partir da casa, por meio da qual elas redefinem sua realidade, enfrenta-se com o sistema social e religioso da época, a partir das pequenas situações do seu cotidiano. Essa cultura de mulheres, ao mesmo tempo em que representa uma reação à expropriação de seus bens (Lv¹² 12.8; 15.29-30) e ao fato de serem culpabilizadas pelas desgraças e misérias do povo no pós-exílio (Esd 10.44; Ne 10.31; 13.26), manifesta, também, o crescimento e a descoberta que surgem da partilha e reflexão das mulheres. Mostra, ainda, que a ‘cultura de mulheres’ não foi um círculo restrito a um grupo de vizinhas, mas um movimento que contou com o apoio de seus companheiros e amigos, de filhos, genros e irmãos. Somente uma grande solidariedade no sentir e no pensar poderia gerar uma visão tão bonita e esperançosa.

Portanto, nas suas lidas e relações diárias, lugar principal da origem da sabedoria, a mulher israelita encontra espaço para expressar suas “experiências culturais primárias” e participar da elaboração de um caminho que leva à vida, oferecendo elementos para a formação de uma revisão do discurso sobre Deus, uma nova visão do trabalho e um relacionamento integrador e prazeroso com o universo. Supõe-se que Pr 1 não seja uma obra exclusivamente das mulheres, mas o grupo que o elaborou conta com a participação de mulheres “sábias” e representantes da cultura das mulheres, que ajudam a abrir novos horizontes para o futuro a partir da experiência de enfrentamento com as contradições de sua época.

11. Abreviatura do Cântico dos Cânticos.

12. Abreviatura de Levítico.

Conclusão

Em Pr 8, encontramos uma evolução na apresentação do símbolo da *Hokmah* personificada. Inicialmente, ela é apresentada como profetisa que chama para um encontro em lugares públicos e muito movimentados. Ela dirige-se a todas as pessoas, gritando de alegria. Em seguida, ela mesma se apresenta como mestra que possui dons considerados muito importantes para a esperança messiânica, dentro da situação concreta do pós-exílio. Logo, há um salto, uma mudança total de ambiente no terceiro poema (Pr 8.22-31). Nesse texto, cria-se um espaço e um tempo próprios, nos quais a Sabedoria se revela como artífice junto de Yahweh na obra da criação (8.22-31).

Um estudo sobre o contexto social, cultural e religioso do período pós-exílico, resgatando a reação e o fortalecimento da casa, da família e da mulher, ajudou a descobrir as raízes desse símbolo. Vimos que o texto expressa uma reação contra a situação que, no período pós-exílico, foi imposta às mulheres e aos pobres, de um modo geral, e, especialmente, às mulheres estrangeiras e suas famílias: a culpabilização pela extrema pobreza em que viviam os hebreus e a obrigação de oferecer sacrifícios pelo pecado, entre outras imposições e exclusões. Uma reação contra essas normas aprofunda-se pelas conversas e celebrações nas casas e nas aldeias, para, depois expressar-se com uma riqueza de imaginação e de símbolos em textos como Rute, Cântico dos Cânticos, Jó, Jonas e Provérbios 1-9, no qual aparece o símbolo da *Hokmah* personificada e seu contra ponto: a mulher forte e decidida, que administra com solidariedade e competência sua casa (Pr 31.1-31).

Um aspecto importante desta pesquisa é a busca de antigas fontes literárias e arqueológicas que possibilitam uma imagem nova e, ao mesmo tempo, muito antiga do Deus de Israel, por meio do casal divino, "para que não haja uma legitimação num Deus 'somente masculino' das

práticas patriarcais e quiriarcais que têm 'caminho livre' ou apoio transcendente numa concepção truncada da divindade" (CROATTO, 2001, 31).

Concluindo, quero afirmar que considero este estudo muito importante para uma visão mais ampla da religião de Israel. Ele nos permitirá descobrir como foi possível a experiência de uma religião compartilhada com a cultura de Canaã, em vez do massacre e da imposição cultural assumidos em nome de Deus. Uma visão que transparece, sobretudo, na historiografia e teologia deuteronomistas.

Bibliografia

- ALONSO SCHÖKEL, Luis. *Sapienciales I Proverbios*. Madrid: Cristiandad, 1984, 603p.
- _____. *Provérbios e Eclesiástico - Los libros sagrados* - Tradución y comentarios. Madrid: Cristiandad, 1968, 332p.
- BEKKENKAMP, Jonneke; DIJK-HEMMES, Fokkeli van. "O cânon do Antigo Testamento e as tradições culturais das mulheres". In: *Cântico dos Cânticos a partir de uma leitura de gênero*, Athalya Brenner (org.). São Paulo: Paulinas, 2000, 327p.
- CAMP, Claudia V. *Wisdom and feminines in the Book of Proverbs*. Decatur (USA): Almond. Bible and literature series 11, 1985, 352p.
- CROATTO, José Severino. "A deusa Ashera no antigo Israel - A contribuição epigráfica da arqueologia". In: *RIBLA [38] - Religião e erotismo - Quando o Verbo se faz carne*, Petrópolis: Editora Vozes, 2001a, p.32 - 44.
- _____. "A sexualidade da divindade - Reflexões sobre a linguagem acerca de Deus". In: *RIBLA [38], Religião e erotismo - Quando o Verbo se faz carne*, Petrópolis, Editora Vozes, 2001b, p. 16-31.
- DAY, John. "Yahweh e os deuses e deusas de Canaã", em *Um Deus somente? - A adoração a YAHWEH e o monoteísmo bíblico no contexto da religião de Israel e do antigo Oriente*, Walter Dietrich/Martin A. Klopfenstein (Orgs.), Freiburg/Schweiz: Göttingen, Vanderhoeck & Ruprecht, 1994, p. 181-96.
- DEIFELT, Wanda. "Temas y metodologias de la teología feminista". In: *Revista Alternativas, Teología y Género*. Manágua: Editorial Lascasiana, Ano 10, n. 26, Julho-Dezembro de 2003, p. 61-78.

- DIJK-HEMMES, Fokkeliën Van. "Rute - Produto de uma cultura de mulheres?". In: *Rute a partir de uma leitura de gênero*. Athalya Brenner (organizadora). São Paulo: Paulinas, 2002, p. 179-85.
- HADLEY, Judith. "Yahweh e 'sua Ashera' - Evidências arqueológicas e culturais para o culto às Deusas", em *Um Deus somente? - A adoração a YAHWEH e o monoteísmo bíblico no contexto da religião de Israel e do antigo Oriente*, Walter Dietrich/Martin A. Klopfenstein (Organizadores). Freiburg/Schweiz: Göttingen, Vanderhoeck & Ruprecht, 1994, p. 235-68.
- _____. "From Goddess To Literary Construct: the transformation of asherah into hokmah". In: *Reading the Bible - Approches, methods and strategies*, Athalya Brenner e Carole Fontaine (orgs). Inglaterra: Sheffield Academic Press, 1977, p. 360-99.
- KAYATZ, Christa. *Studien zu Proverbien 1-9: eine form- und Motivgeschichtliche Untersuchung unter Einbeziehung ägyptischen Vergleichsmaterials*, Wissenschaftliche Monographien zum Alten und Neuen Testament 22, Neukirchen-vluyn: Neukirchener Verlag, 1966, p. 80-93.
- KLOPFENSTEIN, Martin A. "A Ressurreição da Deusa na sabedoria tardia de Israel, em Pr 1-9?". In: *Um Deus somente? - A adoração a YAHWEH e o monoteísmo bíblico no contexto da religião de Israel e do antigo Oriente*, Walter Dietrich/Martin A. Klopfenstein (Organizadores), Freiburg/Schweiz: Göttingen, Vanderhoeck & Ruprecht, 1994, p. 531-41.
- LANG, Bernhard. "Lady Wisdom: a polytheistic and psychological interpretation of a biblical goddess". In: *Reading the Bible - Approches, methods and strategies*, Athalya Brenner e Carole Fontaine (organizadoras). Inglând: Sheffield Academic Press, 1977, p. 400-23.
- LETE, Gregorio del Olmo. *Mitos y leyendas de Canaan segun la tradicion de Ugarit: textos, versión y estudio*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1981, 699 p.
- _____. "Antecedentes y concomitantes del culto hebreo-bíblico". In: *Los Caminos inexauribles de la palabra - Homenaje a José Severino Croatto*, Guillermo Hansen (editor). Buenos Aires: LUMEN-ISEDET, 2000, p. 115-32.
- LOPES, Mercedes. *A confissão de Marta - Uma leitura bíblica com ótica de gênero*. São Paulo: Paulinas, 1996, 111p.
- _____. *A sabedoria e Yahweh - Um estudo em Provérbios 8*. Dissertação de Mestrado. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2004, 138p.
- MILES, Jack. *Deus - Uma biografia*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1997, 497p.
- NICCACCI, Alviero. *A casa da Sabedoria - Vozes e rostos da sabedoria bíblica*. São Paulo: Paulinas, 1997, 321p.
- O'BRIEN, M. "A natureza do monoteísmo bíblico: experiência e ideologia". In: *Concilium*, vol. 289. Petrópolis: Vozes, 2001/1, p. 69-77. (Deus: Experiência e Mistério).
- PERDUE, Lee G. "Wisdom Theology and Social History in Proverbs 1-9". In: *Wisdom, You Are My Sister*. Michael L. Barré, (editor). Washington: The Catholic Quarterly Monograph. Serie 29, 1997, p.78-101.
- PEREIRA, Nancy Cardoso. "Ah!...Amor em delícias". In: *RIBL*, vol. 14. Petrópolis: Vozes e São Leopoldo: Sinodal, 1993, p. 66-74. (Por mãos de Mulher).
- PIXLEY, Jorge. "Deus, um pomo de discórdia na Bíblia Hebraica". In: *Concilium*, vol. 294, Petrópolis: Vozes, 2002, p. 9-24 (As muitas vozes da Bíblia).
- RAD, Gerhard Von. *La Sabiduria en Israel - Los Sapienciales, lo sapiencial*. Madri: Edições Fax, 1973, 426p.
- REIMER, Haroldo. "Sobre os inícios do monoteísmo no Antigo Israel". In: *Fragmentos de Cultura*. Goiânia: UCG/SCG. v.13, n. 5, set/out 2003, p. 967-87.
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Jesus Miriam's Child. Sophia's Prophet*. New York: Editora Continuum, 1994, 262p.
- _____. "Yeast Of Wisdom Or Stone Of Truth: scripture as a site struggle". In: *Los caminos inexauribles de la Palabra*. Homenaje a José Severino Croatto, Guillermo Hansen (editor), Buenos Aires: LUMEN - ISEDET, 2000, p. 67-89.
- SCHROER, Silvia. "A justiça da Sophia: Tradições sapienciais bíblicas e discursos feministas". In: *Concilium*, vol. 288. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 69-81. (Na força da sabedoria: espiritualidades feministas de lutas).
- _____. "Die göttliche Weisheit und der nacheilische Monotheismus", em *Der eine Gott und die Göttin - Gottesvorstellungen des biblischen Israel im Horizont Feministischer Theologie*. Freiburg: HERDER, 1991, p. 151-82.
- _____. "A personificação da Sophia no livro da Sabedoria", em *Um Deus somente? - A adoração a YAHWEH e o monoteísmo bíblico no contexto da religião de Israel e do antigo Oriente*. Walter Dietrich/Martin A. Klopfenstein (Organizadores), Freiburg/Schweiz: Göttingen, Vanderhoeck & Ruprecht, 1994, p. 543-58.
- WESTERMANN, Claus. *Roots of Wisdom - the oldest proverbs of Israel and other peoples*. Louisville /Kentucky: John Knox Press, 1995, 178p.